

AS CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO INVESTIGATIVO NO DOCUMENTÁRIO “O DESAPARECIMENTO DE MADELEINE MCCANN”

Edna Schmitz¹

Nadia Couto²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar como o jornalismo investigativo está inserido no documentário “O desaparecimento de Madeleine McCann”, da Netflix. O trabalho refere-se ao caso da menina britânica de três anos que desapareceu em Portugal em uma viagem de família, no ano de 2007. Os objetivos específicos são pontuar características do jornalismo investigativo e sobre o gênero documentário e realizar a análise dos oito episódios. Os métodos de pesquisa utilizados consistem em pesquisa bibliográfica, documental e estudo de caso, com base em autores como Luiz Gonzaga Motta (2005), Cleofe Monteiro de Sequeira (2005) e Mark Lee Hunter e Nils Hanson (2013), além da análise do documentário. Analisando a série é possível notar que há características do jornalismo investigativo principalmente nos primeiros quatro episódios. Nota-se também particularidades como os detalhes trabalhados no caso, hipóteses que os detetives investigaram, variadas fontes entrevistadas no documentário, arquivos de reportagens da época e imagens atuais de diversas cenas. Além da narrativa que o documentário cria em cada episódio, fazendo com que o telespectador fique curioso para saber mais detalhes sobre as investigações do crime que mesmo depois de 16 anos ainda não foi solucionado. Muitas características do jornalismo investigativo são possíveis de serem verificadas nos arquivos de reportagens que a série traz.

Palavras-chave: Jornalismo investigativo. Documentário. Madeleine McCann.

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2007 a menina Madeleine McCann, natural do Reino Unido, estava passando as férias com a família em Portugal e acabou desaparecendo do quarto onde os pais haviam deixado os três filhos para irem jantar. Quando retornaram, Madeleine não estava mais lá. Até hoje as circunstâncias exatas do desaparecimento não foram esclarecidas, e existem diferentes hipóteses para seu sumiço, ocorrido há 16 anos. O desaparecimento de Madeleine intriga não só a área policial, mas também jornalistas.

¹ Graduando em Jornalismo no semestre letivo de 2023-1. E-mail: ednasavi22@gmail.com

² Professora do Centro Universitário UniSATC. E-mail: nadia.acouto@gmail.com

Em 2019 foi lançado o documentário “O Desaparecimento de Madeleine McCann” pela Netflix, um trabalho investigativo. O jornalismo investigativo surgiu nos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial, por volta de 1955. O jornalismo, que também é conhecido por quarto poder, por si já tem o papel de informar o público, e no jornalismo investigativo o trabalho é mais aprofundado, buscando a causa e origem dos fatos.

Este trabalho acadêmico apresenta como problema de pesquisa: quais as características do jornalismo investigativo no documentário “O desaparecimento de Madeleine McCann”? Portanto, o objetivo geral é analisar as características do jornalismo investigativo no documentário “O desaparecimento de Madeleine McCann”.

Já os objetivos específicos são: pontuar características do jornalismo investigativo e sobre o gênero documentário e realizar a análise do documentário “O desaparecimento de Madeleine McCann”.

O jornalismo investigativo busca os pequenos detalhes para uma boa reportagem, trazendo a riqueza no trabalho de investigação, exige um esforço de apuração intenso. A vontade de pesquisar o tema surgiu por uma paixão da autora sobre este caso em específico, e também sobre o jornalismo investigativo. É um mistério que já se passaram quase 16 anos e ainda não foi resolvido. O jornalismo tem um papel importante na ajuda das descobertas dos fatos, existem inúmeros casos que a força da imprensa ajudou a sociedade na coleta e divulgação das informações. Na Unisatc existem poucos TCCs que trabalham com o jornalismo investigativo, e isso instigou ainda mais.

Com relação aos procedimentos metodológicos, no tocante à natureza esta pesquisa é básica, com o intuito de aprofundar os conhecimentos do jornalismo em um documentário de um caso mundialmente conhecido. A pesquisa básica tem como objetivo gerar conhecimento novo (NASCIMENTO, 2012).

O tipo de abordagem é qualitativa, pois o intuito do estudo é mostrar a presença de todo o trabalho investigativo dentro do documentário, existe toda a área de perícia, criminal, mas também a área jornalística, investigação, apuração de fatos, o foco é analisar como isso foi retratado no documentário. A pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, traz significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2014).

No tocante aos objetivos, a pesquisa é explicativa. Tem como foco identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Tipo de pesquisa que aprofunda o conhecimento da realidade, pois busca o porquê das coisas (GIL, 2008).

Já com relação aos procedimentos técnicos, é bibliográfica, documental e estudo de caso. A pesquisa bibliográfica se baseia em obras já publicadas, e por isso é fundamental que o pesquisador se aproprie e domine a obra analisada. A leitura e dedicação do autor sobre o tema escolhido reflete em todo o trabalho final (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021).

Já na documental recorre-se a diversas fontes, sem um tratamento analítico, como filmes, cartas, fotografias e revistas (FONSECA, 2002). E no estudo de caso trabalha-se com profundidade os detalhes da pesquisa, evidenciando sua própria identidade. Trata-se de uma investigação (FONSECA, 2002).

2 JORNALISMO INVESTIGATIVO

O jornalismo investigativo, de acordo com Sequeira (2005), surgiu nos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial, por volta de 1955, mas ainda sem muita notoriedade. Uma data que realmente marcou o jornalismo no ramo investigativo foi o ano de 1972. O diário The Washington Post publicou uma reportagem política, dos jornalistas Carl Bernstein e Bob Woodward, e ali nasce o caso Watergate.

O escândalo Watergate envolveu o presidente norte-americano Richard Nixon, que com a força das investigações renunciou ao cargo de presidente. Segundo Fortes (2005, p. 18), “trata-se do episódio de escuta ilegal na sede do partido democrata dos Estados Unidos, no Edifício Watergate, em Washington, por gente ligada ao governo republicano de Richard Nixon”. Para Sequeira (2005, p.12), “as investigações de Woodward e Bernstein transformaram o jornalismo, redefinindo a imagem do ofício do repórter e o fazer jornalístico - não só nos Estados Unidos como também no Brasil”.

Fortes ainda conta sobre algumas organizações de jornalismo

investigativo no mundo e a maior foi fundada em 1975, nos Estados Unidos - *Investigative Reporters and Editors* (Repórteres e Editores Investigativos), que possui mais de 4 mil afiliados de 27 países.

2.1 CARACTERÍSTICAS

O jornalismo investigativo é dos ramos que podem ser seguidos dentro do jornalismo em si, que já é uma forma de investigação, mas se baseia em detalhes minuciosos, fatos não divulgados oficialmente e fontes de todas as raízes, entre outros aspectos. “Uma das maiores dificuldades da investigação jornalística reside, justamente, nas bases éticas de uma atividade que tende a se misturar com uma atividade muito mais próxima do trabalho policial do que, propriamente, do jornalismo” (FORTES, 2005, p. 17).

Investigar os fatos e fazer a apuração de notícias, afora os entraves que circunscrevem a profissão, depende muito do profissional se propor a correr os riscos, e isso é uma grande característica do jornalismo investigativo, o quanto o jornalista está disposto a se arriscar por uma boa reportagem. De acordo com Serpa (2015, p. 10):

Pelo fato de o Jornalismo Investigativo ter se colocado na posição de “especial” em muitas redações, se deve também a fatores econômicos. Por se tratar de uma atividade que demanda muitos recursos em virtude das viagens dos repórteres que muitas vezes vão se colocar atrás, do nada. Também porque, no trabalho de investigação, muitas hipóteses podem não ser confirmadas, ou ainda pode ser que as informações que estão sendo apuradas ganhem novos rumos. Além disso, é um trabalho jornalístico que demanda tempo, porque precisa ser metucioso na apuração (SERPA, 2015, p. 10).

O jornalista já realiza um certo trabalho de investigação dentro das matérias mais convencionais, buscando fontes, realizando a checagem de informações, mas o jornalismo investigativo não busca somente o tradicional quem, quando, onde e o por que, tudo isso é muito mais detalhado do que o tradicional.

Os outros elementos são desenvolvidos não apenas em termos de quantidade, mas também em termos de qualidade. O “quem” não é apenas um nome ou um título, e sim uma personalidade, com traços de caráter e

um estilo. O “quando” não está presente nas notícias, e é um continuum histórico – uma narrativa. O “que” não é meramente um evento, e sim um fenômeno com causas e consequências. O “onde” não é apenas um endereço, e sim uma ambientação, na qual certas coisas se tornam mais ou menos possíveis. Esses elementos e detalhes dão ao jornalismo investigativo, em sua melhor forma, uma poderosa qualidade estética que reforça o seu impacto emocional (HUNTER; HANSON, 2013, p. 8).

O livro “A investigação a partir de histórias - Um manual para jornalistas investigativos”, de Hunter e Hanson, traz as principais diferenças do jornalismo convencional e do jornalismo investigativo (2013), de acordo com a tabela 1.

Tabela 1 - Jornalismo convencional e jornalismo investigativo

JORNALISMO CONVENCIONAL	JORNALISMO INVESTIGATIVO
Pesquisa	
As informações são reunidas e relatadas a um ritmo fixo (diário, semanal, mensal).	As informações não podem ser publicadas até que a sua coerência e completude estejam garantidas.
A pesquisa é completada com rapidez. Não se faz uma pesquisa adicional uma vez que a história esteja completa.	A pesquisa continua até que a história esteja confirmada, e pode continuar após a sua publicação.
A história se baseia em um mínimo necessário de informações, e pode ser bastante curta.	A história se baseia no máximo possível de informações, e pode ser bastante longa.
As declarações das fontes podem substituir a documentação.	A reportagem requer uma documentação capaz de apoiar ou negar as informações das fontes.
Relações de fontes	
A boa fé das fontes é presumida, frequentemente sem verificação.	A boa fé das fontes não pode ser presumida; qualquer fonte pode fornecer informações falsas; nenhuma informação pode ser utilizada sem verificação.
As fontes oficiais fornecem informações ao(a) repórter livremente, para promoverem a si e às suas metas.	As informações oficiais são ocultadas do(a) repórter, porque a sua revelação pode comprometer os interesses de autoridades ou instituições.
O(a) repórter deve aceitar a versão oficial da história, ainda que ele ou ela possa contrastá-la com comentários ou afirmações de outras fontes.	O(a) repórter pode desafiar ou negar explicitamente a versão oficial de uma história, com base nas informações de fontes independentes.
O(a) repórter dispõe de menos informações do que a maioria das suas fontes.	O(a) repórter dispõe de mais informações do que qualquer uma das suas fontes, considerada individualmente, e de mais informações do que a maioria delas em conjunto.
As fontes são quase sempre identificadas.	As fontes frequentemente não podem ser identificadas, em nome de sua segurança.
Resultados	
A reportagem é vista como um reflexo do mundo, que é aceito assim como ele está dado. O(a) repórter não espera obter resultados além de informar o público.	O(a) repórter se recusa a aceitar o mundo como ele se apresenta. A história visa a penetrar ou expor uma dada situação, para que seja reformada ou denunciada, ou, em certos casos, para que se promova um exemplo de um caminho melhor.
A reportagem não requer um engajamento pessoal por parte do(a) repórter.	Sem um engajamento pessoal do(a) repórter, a história nunca será completada.
O(a) repórter busca ser objetivo(a), sem viés ou juízo de valor em relação a qualquer uma das partes envolvidas em uma história.	O(a) repórter busca ser justo(a) e escrupuloso(a) em relação aos fatos da história, e com base nisso pode designar as suas vítimas, heróis e malfeitores. O(a) repórter também pode oferecer um juízo de valor ou veredito sobre a história.
A estrutura dramática da reportagem não é de grande importância. A história não precisa ter um final, pois as notícias continuam.	A estrutura dramática da história é essencial para o seu impacto, e leva a uma conclusão que é oferecida pelo(a) repórter ou por uma fonte.
Erros podem ser cometidos pelo(a) repórter, mas eles são inevitáveis e, normalmente, não têm muita importância.	Os erros expõem o(a) repórter a sanções formais e informais, e podem destruir a credibilidade do(a) repórter e do(s) meio(s) de comunicação.

Fonte: Hunter; Hanson (2013).

A tabela compara os dois ramos do jornalismo e é dividida em três pontos: pesquisa, relações de fontes e resultados. As características mais marcantes do jornalismo investigativo que são apontadas na tabela são: pesquisa continua mesmo que a história já tenha sido publicada, buscando mais detalhes sobre o fato; a história se baseia em diversas fontes e busca o máximo de informações, podendo se tornar longa; não se pode confiar na boa fé das fontes, todos os dados devem ser checados antes de serem publicados; quem participa das entrevistas e consegue contribuir com algum dado importante pode não ter a sua identidade revelada por uma questão de segurança.

Santoro (apud NASCIMENTO, 2007, p. 24) lista três características que definem uma investigação jornalística. A primeira seria sobre a investigação, que é realizada pelo próprio jornalista, não pela Justiça, áreas do governo ou por quem possui interesses particulares, pois isso pode afetar no produto final, na reportagem. A segunda característica fala sobre os obstáculos que são encontrados ao longo do caminho, por se tratar de algo que está recebendo uma atenção da mídia e principalmente do jornalismo investigativo, pessoas podem ter detalhes a esconder, e muitas vezes podem tentar apagar qualquer rastro que possa ajudar na investigação. E a última é que esse tipo de reportagem aborda temas que interessam a opinião pública, por se tratar de um trabalho árduo de investigação, que demanda muito tempo, deve ser algo que interesse uma boa parte das pessoas, para ter a repercussão merecida, e trazendo assim os resultados de todo o trabalho feito pelo jornalista.

Algo importante que profissionais deste ramo estão e devem sempre estarem atentos é sobre os menores detalhes, o que muitas vezes pode passar despercebido por outras pessoas. De acordo com Martins (2020), um trabalho que busca os menores detalhes, pode ter como estratégia analisar informações e fontes que já foram publicadas, que por muitas vezes é possível encontrar algo que os outros acabaram deixando de lado.

2.2 NARRATIVA

De acordo com Motta (2005), a narrativa traz um conhecimento objetivo e subjetivo do mundo em relação a diversos temas. Os enunciados narrativos são

capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. As narrativas midiáticas podem ser tanto fáticas quanto fictícias.

Quem narra tem algum propósito ao narrar, nenhuma narrativa é ingênua. A análise deve, portanto, compreender as estratégias e intenções textuais do narrador, por um lado, e o reconhecimento (ou não) das marcas do texto e as interpretações criativas do receptor, por outro lado. A ênfase está no ato de fala, na dinâmica de reciprocidade, na pragmática comunicativa, não na narrativa em si mesma (MOTTA, 2005, p. 3).

O autor apresenta quatro movimentos sobre a narrativa do jornalismo. O primeiro: Recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico, descreve que para construir uma narrativa jornalística com coerência é preciso observar a continuidade e justaposições temáticas a partir da repetição de um mesmo tema nas notícias isoladas, e sempre com rigidez e justificativas da abordagem. “Com a reconfiguração das sequências em um enredo coerente, o que antes parecia desconectado vai ganhando continuidade e coesão, vai surgindo uma nova intriga complexa que confere ao objeto outra significação” (MOTTA, 2005, p. 4).

Já o segundo movimento fala sobre identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios. Esse abre espaço para as novas ações, que aumentam e deixam a narrativa viva. É a expectativa de todo o enredo que mantém as notícias nos veículos de comunicação. A identificação dos conflitos permite novos episódios da história.

Há sempre pelo menos dois lados em confronto em quase todo acontecimento jornalístico. Há sempre interesses contraditórios, algo que se rompe a partir de algum equilíbrio ou estabilidade anterior e que gera tensão. Cabe então ao analista identificar os conflitos principais e secundários da história recomposta (da nova síntese) (MOTTA, 2005, p. 5).

O terceiro movimento, a construção de personagens jornalísticas, fala que os personagens do jornalismo costumam ser fortemente individualizados e transformam-se no eixo das histórias. Na narrativa realista do jornalismo as personagens são figuras de papel, ainda que tenham correspondentes na realidade histórica. “Nosso objeto é a versão, não a história” (MOTTA, 2005, p. 6).

E o quarto e último movimento são as estratégias comunicativas. A retórica jornalística trata de dissimular as estratégias narrativas. O jornalista é e deve

ser um narrador discreto, que busca usufruir de recursos de linguagem que camuflam seu papel como narrador. O jornalismo é uma linguagem argumentativa. “Quem narra tem sempre algum propósito ao narrar: nenhuma narrativa é ingênua, muito menos a narrativa jornalística” (MOTTA, 2005, p. 8).

Para Nascimento (2007), a narrativa do jornalismo investigativo inicia na investigação de determinado fato que na maioria das vezes é de interesse público, ou que instiga a curiosidade do leitor a saber os detalhes sobre a reportagem. De acordo com o autor, uma das exigências do jornalismo investigativo para que a pauta vire matéria é saber como isso vai afetar a sociedade. A investigação tem que ser do jornalista, não de outros profissionais.

3 DOCUMENTÁRIO

De acordo com Vargas (2010), a arte do documentário trata de uma narrativa que contém imagens, fotos e relatos que estabelecem a realidade do mundo. O documentário é uma narrativa que possui imagens e histórias que estabelecem a visão do autor sobre o mundo para o espectador. O primeiro e um dos principais organizadores sobre o pensamento do documentário foi John Grierson.

Ele colocou em prática o projeto de educação pública através do cinema, que foi de extrema importância para a construção de relatos da sociedade. “O documentário pode ou não mostrar a verdade e isso não lhe tira o caráter de documental. Se o documentário se propõe a trabalhar com asserções sobre o mundo histórico, ele está lidando com a reconstituição e a interpretação de um fato” (VARGAS, 2010, p. 113).

A aproximação entre o jornalismo e o documentário se dá devido à necessidade de ambos abordarem a realidade. Os métodos de abordagens e estratégias de aproximação da realidade são comuns em ambos. As práticas do jornalismo e do documentário são distintas, mas todo o trabalho de produção, como a pesquisa e levantamento de dados e entrevistas, aproximam a arte do documentário com o jornalismo. “Tanto o jornalismo quanto o documentário superam a compreensão de que são a reprodução da realidade. A partir dos conceitos

construcionistas, entendemos que tanto um como o outro são representações sociais” (PINTO, 2011, p. 82).

O jornalismo e o documentário representam visões do mundo e de seus acontecimentos, esse é um dos seus aspectos em comum.

A reportagem é uma narrativa que enuncia asserções sobre o mundo, mas que, diferentemente do documentário, é veiculada dentro de um programa televisivo que chamamos telejornal. Do mesmo modo que a tradição do filme documentário flexiona uma narrativa com imagens/sons, estabelecendo asserções sobre o mundo, a fôrma do telejornal flexiona a narrativa assertiva sobre o mundo no formato programa telejornal (RAMOS, 2008, p. 58).

De acordo com Nodari (2006), uma característica comum dos dois é a presença do seu idealizador, mesmo que de forma indireta é possível que seja notada.

Outra questão a ser destacada é que tanto na reportagem como no documentário, o ponto de vista do realizador é parte fundamental da narrativa. Ao tomarmos a hipótese de que o formato padrão das reportagens de telejornalismo parece querer fazer uma representação objetiva da realidade, escondendo a voz subjetiva do autor (ou autores) por trás da voz objetiva do narrador, podemos entender que com ou sem narração a subjetividade está presente. A presença do locutor, traduzindo o que a imagem reproduz, representa a intervenção autoral no texto (NODARI, 2006, p. 119).

Cada tipo de gênero jornalístico e de mídia possui uma forma de ser repassado ao seu público. O jornalismo do dia a dia preza pela factualidade, já o documentário é feito um tempo depois de algum acontecimento marcante, pois traz riqueza nos detalhes. Ramos (2008), afirma que o documentário não é de assuntos do dia a dia, como o telejornalismo cotidiano.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo aborda como iniciou o caso Madeleine e algumas atualizações do desaparecimento nos dias de hoje. E depois inicia a análise, que foi realizada assistindo a cada um dos oito episódios, fazendo o resumo e identificando as características do jornalismo investigativo presentes na série.

4.1 O CASO

O caso Madeleine McCann intriga muitas pessoas até hoje, após 16 anos de investigações. A Polícia levantou muitas suspeitas, mas nenhum culpado foi encontrado. A plataforma de streaming Netflix lançou em 2019 a minissérie em forma de documentário intitulada “O Desaparecimento de Madeleine McCann”.

Madeleine McCann era uma menina de três anos que passava as férias com a família em Portugal e desapareceu do próprio quarto no dia 3 de maio de 2007, na Praia da Luz, em Algarve, local tradicionalmente turístico e tranquilo. De acordo com o G1 (2023), os pais, Gerry McCann e Kate McCann, jantavam em um restaurante próximo ao quarto onde a menina dormia com seus irmãos gêmeos. Perto das 22h, Kate foi checar as crianças e viu que Madeleine não estava no quarto, a menina havia desaparecido sem deixar nenhum rastro.

Segundo o site Jusbrasil (2021), o local era um apartamento com dois quartos, uma sala e um banheiro, e possuía fácil acesso à via pública. Segundo os depoimentos, o casal foi duas vezes ver as crianças, numa delas a mãe notou que a filha não estava mais no quarto.

O inspetor não deixou de enfatizar que todo o apartamento foi “devassado” por uma quantidade indeterminada de pessoas que acarretou na contaminação da principal cena do crime. Foram ouvidas mais de 140 pessoas, entre funcionários e clientes do resort, que não tiveram nada a acrescentar de relevante à investigação (JUSBRASIL, 2021).

A Polícia Judiciária portuguesa passou a investigar uma lista extensa de criminosos sexuais, mas apesar dos esforços, nenhuma informação foi relevante para usar como prova.

A Polícia Judiciária portuguesa determinou a instalação de um forte esquema policial. Ao todo, foram inquiridas mais de 700 pessoas formal e informalmente com o objetivo de levantar informações relevantes sobre o desaparecimento, mas nada de concreto foi encontrado.

O caso de Madeleine até então não foi solucionado e não há provas o suficiente para apontar algum responsável pelo sumiço da menina, mas o crime já teve diversos suspeitos investigados. Os pais chegaram a ser apontados como suspeitos. Diversos criminosos conhecidos por crimes sexuais ou ligados a

sequestros de crianças na região também foram investigados durante anos, mas nunca houve provas concretas para apontar o paradeiro de Madeleine.

De acordo com o Portal R7 (2023), hoje o principal suspeito é Christian Brückner, de 44 anos, acusado de outros crimes sexuais e que está preso desde 2018 na Alemanha, por ter estuprado uma idosa de 72 anos, em 2005, em Portugal. Ele nega ter alguma participação no desaparecimento de Madeleine, mas investigações seguem tentando encontrar evidências que confirmem essa hipótese para solucionar o crime.

Em maio deste ano, autoridades portuguesas, alemãs e britânicas realizaram uma varredura em um reservatório de água no Algarve, a 50 km do local do desaparecimento, em busca de provas que ajudem a solucionar o caso. Alguns objetos foram recolhidos e mandados para a análise.

4.2 O DOCUMENTÁRIO

A plataforma de streaming Netflix lançou em 2019 a minissérie em forma de documentário intitulada “O Desaparecimento de Madeleine McCann”, dirigido por Chris Smith, com oito episódios, que possuem duração média de 50 minutos e relatam um pouco sobre o caso. A série foi lançada 12 anos depois do desaparecimento de Madeleine. Esta é uma das características de documentários. De acordo com Ramos (2008), o documentário é feito um tempo depois, trazendo os detalhes e contando um acontecimento que teve grande repercussão nas mídias da época.

De acordo com Nascimento (2007), a investigação e as matérias de ramo investigativo iniciam por algo que é de interesse público, ou que instiga a curiosidade do leitor a saber os detalhes sobre a reportagem. Esse é um dos motivos da série ter sido produzida, pois é um caso ainda não solucionado e que é conhecido mundialmente.

Segundo Pinto (2011), todo o trabalho de produção, como a pesquisa e levantamento de dados e entrevistas, aproximam a arte do documentário com o jornalismo, embora as práticas do jornalismo e do documentário sejam distintas.

O primeiro episódio, “A verdade sufocada”, conta como aconteceu o sumiço de Madeleine, a investigação e sobre a proporção que o caso tomou, mostra imagens da praia, do hotel, arquivos pessoais da família e conta com vídeos de reportagens que foram ao ar na época do acontecimento. Uma boa parte do documentário é narrada por dois jornalistas investigativos e coautores da série, Anthony Summers e Robbyn Swan. No início dos episódios são disponibilizados números de telefone da Polícia Metropolitana do Reino Unido e da Polícia Civil de Portugal, pedindo que, se alguém tiver alguma informação sobre Madeleine, entre em contato.

Só neste episódio foram realizadas entrevistas com 18 pessoas, como os pais de Madeleine, familiares, amigos da família, turistas, hóspedes, moradores da região e agentes que trabalharam no caso. Alguns dos moradores entrevistados nunca tinham sequer visto Madeleine, mas de acordo com Fortes (2005) esse é um dos diferenciais do jornalismo investigativo, fontes que seriam improváveis podem ajudar a dar corpo ao material produzido.

Turistas contam como foi a rotina deles, sobre o sofrimento dos pais e como as pessoas se mobilizaram para encontrar a menina. Jornalistas relatam a cobertura do caso. Eles estavam surpresos por ela desaparecer em um local tão tranquilo, achavam que o caso ia durar somente alguns dias e logo a menina seria encontrada.

A mãe foi quem notou que Madeleine tinha desaparecido, ela foi até o restaurante e gritava: “Pegaram a Madeleine”. A série mostra também que 24 horas depois do desaparecimento os pais fizeram uma curta declaração para a imprensa, fazendo um apelo. O recorte de uma reportagem mostra o pedido do pai: “Por favor, se estiver com Madeleine, deixa ela voltar pra mamãe, papai, irmão e irmã”.

O segundo episódio, intitulado “Sob suspeita”, relata como foram os primeiros dias após o desaparecimento. Arquivos de reportagens da época mostram jornalistas refazendo os passos dos pais, tentando mostrar como foi aquela noite. Eram poucos os dados que a polícia tinha, e assim a imprensa também não tinha muito o que atualizar de um caso tão complexo que vinha tomando repercussão mundial.

Estar atento aos mínimos detalhes na expectativa de conseguir novas informações faz parte do jornalismo investigativo (MARTINS et al., 2020). Os repórteres que aparecem em arquivos de jornais na série sempre estavam a todo

custo tentando conseguir informações com diversas fontes, para ver se conseguiam algo novo para os telespectadores.

Muitas hipóteses e suspeitas eram criadas no decorrer do tempo. Neste episódio é possível notar uma certa crítica de alguns entrevistados em relação ao trabalho realizado pela polícia, que teria sido um trabalho lento, como a demora de fechar as fronteiras e a organização de blitz em estradas para caso o sequestrador estivesse em fuga. Neste ponto é possível analisar a presença de uma característica tanto do jornalismo quanto do documentário. De acordo com Nodari (2006), ambos, mesmo que de forma indireta, mostram a visão do autor.

No terceiro dia foi divulgada a característica de uma pessoa que era suspeita e estava sendo procurada. A polícia investigava possíveis pedófilos que podiam estar envolvidos no caso e moravam na região. Jornalistas e agentes começaram a desconfiar de um morador local, Robert Murat, que estava ajudando os pais na tradução. Os policiais invadiram a casa dele para verificar a suspeita.

Um russo, Sergey Malinka, também foi investigado por ter criado um site para Murat. Ambos participam da série e contam como foram suspeitos do caso. Nessa parte pode-se analisar a diversidade de fontes e a busca pelo máximo de informações, ouvindo todos os lados possíveis, podendo se tornar algo longo, como é o caso da série (HUNTER; HANSON, 2013), que é uma característica do gênero jornalismo investigativo.

O terceiro episódio, “Pacto de silêncio”, mostra como os pais estavam engajados em encontrar a filha, eles viajaram por alguns países vizinhos na esperança de dar mais visibilidade ao caso. Com isso, os McCann receberam algumas críticas, de que eles só estavam se promovendo em cima do caso e que poderiam até estar envolvidos no desaparecimento da própria filha. Portugueses se questionavam por que o caso tinha tanta repercussão, sendo que outras crianças já tinham desaparecido e as famílias não tinham recebido tanta atenção.

A narrativa do documentário tem o trabalho de prender o espectador com os mínimos detalhes do caso. O autor consegue isso pela quantidade de fontes, entrevistas, materiais e imagens que estão presentes na série. O trabalho do jornalismo investigativo chega a parecer um trabalho policial, pela minuciosidade do trabalho realizado (FORTES, 2005).

Uma jornalista muito conhecida na época, Felícia Cabrita, começou a estudar o caso três semanas depois do desaparecimento. Ela participa da série e conta que jantou na mesma mesa que os pais de Madeleine, eles relataram que escolhiam aquela mesa porque conseguiam ver o quarto, mas, de acordo com Felícia, era impossível ver o quarto das crianças de lá e ali ela se questionou por que eles mentiram sobre algo tão simples.

Muitos questionamentos surgiram por conta do desencontro de relatos das testemunhas que estavam jantando com os pais. Era um questionamento bem simples de ser analisado e a jornalista mostra que teve essa percepção, de investigar os detalhes que para outras pessoas passam despercebidos. Isso faz parte do jornalismo investigativo, a percepção de novos questionamentos, visões diferentes, aprofundando mais o que já tinha sido investigado (MARTINS et al., 2020).

Além de ter a pressão dos chefes de segurança do país, os agentes também sofriam com a pressão que a mídia exercia sobre eles, cobrando a todo custo uma resposta.

O quarto episódio, "Entre o céu e a terra", inicia mostrando uma parte da apuração do caso, com imagens de reportagens da época, salientando como estavam sendo feitas as investigações. Este episódio consegue segurar o telespectador porque traz novos suspeitos no caso. De acordo com Motta (2005), o autor deve buscar deixar a narrativa viva, prendendo seu público.

Em 31 de julho de 2007, um treinador de cães farejadores, Martin Grime, foi chamado até o apartamento do resort para ver se seria possível achar uma nova pista. O único local onde um cão (que era treinado para apontar sangue humano) achou um sinal foi no quarto onde os pais de Madeleine ficavam. A polícia divulgou que estava investigando a possibilidade de Madeleine estar morta e que os pais podiam estar envolvidos no crime. Dois cães, um treinado para farejar cadáver humano e outro sangue, revistaram alguns carros usados pela família e amigos da menina, e apontaram algo em um carro alugado pela família McCann e até em roupas da família.

Depois de 100 dias após o desaparecimento de Madeleine, os pais foram à igreja e de acordo com Justine McGuinness, consultora de relações públicas da família, havia mais de 70 fotógrafos fora da igreja. Já fazia mais de três meses do

caso e a mídia ainda estava presente, fazendo o trabalho de investigação, que é uma das características do jornalismo investigativo. A reportagem busca diversas informações, o que pode se tornar um trabalho longo (HUNTER; HANSON, 2013).

A jornalista Sandra Felgueiras relata que a mídia claramente recebia informações da polícia de forma oculta e que ninguém sabia quem estaria passando dados da investigação.

De acordo com o Haynes Hubbard, amigo da família McCann, a mídia era cruel com os pais. Alguns jornais insinuaram que eles teriam dopado Madeleine e que aplicavam remédios nos filhos. A polícia recebeu o resultado do DNA coletado no carro alugado pela família e indicava compatibilidade 80% com Madeleine. A partir desse momento foi criada uma narrativa que os pais a mataram por acidente e resolveram esconder o corpo.

Quando os pais se tornaram suspeitos a mídia ficou acampada em frente à casa em que eles estavam para tentar conseguir qualquer imagem ou informação nova. Os pais voltaram para o Reino Unido devido às acusações e pressão que vinham sofrendo em Portugal.

O quinto episódio, "O contra-ataque", mostra os pais chegando em casa, no Reino Unido. Era a primeira vez depois do sumiço de Madeleine que eles iriam entrar em casa. A imprensa continuava a acompanhar o caso quatro meses depois, mesmo com os pais em outro país.

De acordo com Serpa (2015), o jornalismo investigativo caracteriza-se por buscar a fundo todas as possíveis narrativas. Brian Kennedy é um dos entrevistados desse episódio, ele é empresário e benfeitor dos McCann, pois quando viu que a família estava sendo acusada e criticada pelas pessoas resolveu oferecer ajuda financeira. "Muitos amigos perguntaram: 'Por que está se envolvendo? E se forem culpados?', eu respondi: 'Mas e se não forem culpados'".

Arquivos de reportagens da época mostram os jornalistas tentando a todo custo novas fontes e informações sobre os McCann, mas as pessoas já estavam se sentindo sufocadas e não atendiam mais a imprensa.

De acordo com relatos da série, muitos jornais tiravam conclusões precipitadas só para colocar na capa uma informação sobre o caso, o que acabava chamando a atenção dos leitores, mas por muitas vezes eram só suspeitas sem fundamentação. Alguns jornalistas da época relatam que tinham fontes de dentro da

polícia, e que eles passavam informações, mas não de forma oficial. De acordo com a tabela de Hunter e Hanson (2013), o repórter deve dispor de mais informações do que qualquer uma de suas fontes, e sempre checar a veracidade delas.

A série mostra também como a polícia de Portugal tentou usar a mídia a seu favor. A jornalista Sandra relata que a polícia lhe disse que as amostras de DNA encontradas eram de Madeleine, quando na verdade no relatório final a conclusão foi que o DNA poderia ser de qualquer um, porque a amostra era muito pequena.

“Lugares sombrios”, o sexto episódio, mostra que uma menina muito parecida com Madeleine teria sido vista e fotografada com uma mulher no Marrocos. Logo no início do episódio é possível ver imagens, vídeos do país e a foto tirada da menina por uma turista. O benfeitor Kennedy e seu filho Patrick Kennedy foram até o local à procura da garota e infelizmente comprovaram que não se tratava de Madeleine. Eles continuaram a ajudar, contratando serviços de detetive particular e abrindo mais investigações sobre o caso.

Neste episódio é retratado o caso Joana Cipriano, uma menina de oito anos que desapareceu em 2004, em Portugal, em uma cidade próxima à Praia da Luz. A mãe e o tio foram condenados por terem matado e esquartejado a criança, eles confessaram o crime depois de alguns dias. O caso chamou a atenção porque a mãe relata ter sido espancada por policiais para fazer alguma confissão, e o corpo não estava sendo encontrado pela perícia.

O detetive da empresa contratada pelo benfeitor dos McCann, Julian Peribañez, que trabalhava de forma particular no caso de Madeleine, tentou achar alguma relação com o caso de Joana. Para ele, havia uma gangue em Portugal que sequestrava crianças para levá-las para outros países. Ao fim do episódio são expostas outras possíveis hipóteses e pessoas que podem fazer parte do desaparecimento de Madeleine.

O sétimo episódio, “Verdade e mentiras”, mostra que existem muitos casos de abusos de criança e pedofilia, e como é fácil traficar crianças em muitos países europeus. Depois de meses, outra empresa é contratada para realizar a investigação particular.

O caso completa um ano e nada concreto foi encontrado, com arquivos de matérias da época é possível notar que a imprensa cobriu a importante data, tanto em Portugal, na Praia da Luz, onde havia fotos de Madeleine, quanto no Reino

Unido, em uma igreja em que os McCann estavam. Os pais deixam de ser suspeitos e a polícia arquivou o caso porque não estava conseguindo mais nenhuma novidade sobre o desaparecimento da menina.

Logo depois Gonçalo Amaral, o inspetor da Polícia Judiciária, que foi o responsável pelo início da investigação do caso, mas foi afastado um tempo depois, publicou um livro dando a sua visão e versão do caso. No livro ele afirma que, de acordo com as perícias realizadas, Madeleine sofreu algum acidente doméstico e os pais esconderam o corpo.

O último episódio, “Alguém sabe”, inicia mostrando um dos primeiros suspeitos de ter sequestrado Madeline, Robert Murat, depois de anos ele foi inocentado. Muitos jornais foram processados por terem publicado matérias acusando os pais, amigos e suspeitos do crime. Em 2011, a polícia do Reino Unido reabre as investigações e são feitas novas buscas.

Ao longo do oitavo episódio é possível notar que a história se baseia em muitas informações, tornando a série relativamente longa. De acordo com a tabela de Hunter e Hanson (2013), essa seria uma das características do jornalismo investigativo, por pesquisar e ir a fundo em cada detalhe da investigação.

Os pais ainda têm esperança de encontrar Madeleine com o avanço das tecnologias a cada ano. Este episódio mostra diversas crianças que foram sequestradas e conseguiram ser encontradas vivas depois de muitos anos.

A série termina mostrando imagens e vídeos de Madeleine quando novinha e depois com uma imagem feita com tecnologias que permitem mostrar como possivelmente Madeleine estaria, depois de mais ou menos 10 anos desaparecida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo é analisar as características do jornalismo investigativo no documentário “O desaparecimento de Madeleine McCann”, que foi cumprido assistindo a todos os episódios, analisando as características e fazendo um resumo separado de cada um. Já os objetivos específicos são: pontuar características do jornalismo investigativo e sobre o gênero documentário e realizar a análise do documentário.

Ao longo deste estudo pode-se perceber que o documentário “O desaparecimento de Madeleine McCann” possui algumas características do jornalismo investigativo. As que mais estão presentes são: diversidade de fontes e o trabalho intenso de investigação por parte dos jornalistas. A série analisada conta minuciosamente os detalhes do caso, os diversos suspeitos, relata as investigações e mostra arquivos de reportagens da época.

Foi possível encontrar características principalmente nos quatro primeiros episódios, como o grande e diversificado número de fontes, levantamento de dados, muitos arquivos de entrevistas da época, diversas entrevistas, minuciosidade nas informações e também o trabalho do autor de deixar o telespectador preso à narrativa criada, querendo assistir cada vez mais aos episódios para saber mais sobre os desdobramentos do caso.

A partir do quinto episódio houve dificuldade em encontrar o objetivo central do trabalho, poderiam até ser identificadas algumas características do jornalismo investigativo, mas só nos arquivos de reportagens presentes na série, como diversas fontes, busca pela notícia em diversos países, a imprensa pressionando as investigações para terem uma resposta. Este, porém, não era o foco do presente trabalho, pois as características devem estar presentes na série em si, não no trabalho dos repórteres que atuavam no caso.

Com todo o trabalho de pesquisa realizado conclui-se que o jornalismo investigativo possui características únicas, como a dificuldade de trabalhar com essa área, tendo que se dedicar ao máximo para trazer as informações, saindo do tradicional, e também sobre a importância deste ramo jornalístico no aprofundamento de fatos, que por muitas vezes são de interesse público.

É possível notar a importância do jornalismo investigativo principalmente para o público que é atingido, as investigações seguiram por muitos anos, muito por conta da tamanha proporção que o caso tomou devido à repercussão na mídia, que estava sempre atenta.

Como possibilidade de pesquisas futuras, sugere-se analisar as características do jornalismo investigativo no trabalho dos repórteres no caso Madeleine. Muitos deles se aprofundaram no fato e até hoje alguns defendem as suas próprias teorias, de acordo com as investigações e informações.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel Azevedo. **Critérios de noticiabilidade no jornalismo investigativo: um estudo preliminar**. In: Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação–UnB.

CASO Madeleine: entenda o desaparecimento que intriga o mundo há mais de 15 anos. **G1**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/02/23/caso-madeleine-entenda-o-desaparecimento-que-intriga-o-mundo-ha-mais-de-15-anos.ghtml>. Acesso em: 24 de set. de 2023.

CRIPPA, Larissa. Quem é o principal suspeito de sequestrar Madeleine McCann em 2007. **R7**, 2023. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/quem-e-o-principal-suspeito-de-sequestrar-madeleine-mccann-em-2007-02062023>. Acesso em: 29 de set. de 2023.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, p. 23-73, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HUNTER, Mark Lee; HANSON, Nils. IN: HUNTER (ORG.). **A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos**. Uruguay: UNESCO Publishing, 2013. Cap. 1.

MARTINS, Daniela *et al.* **O jornalismo investigativo e suas marcas narrativas em uma série de telejornalismo: análise de conteúdo e decupagem do programa conexão repórter**. Revista Científica Integrada, Águas Claras, v. 4, n. 5, p. 1-30, jul. 2020. Disponível em: <https://www.unaerp.br/revista-cientifica-integrada/edicoes-anteriores/volume-4-edicao-5/4161-rci-jornalismoinvestigativo-122020/file>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom, 2005.

NASCIMENTO, Francisco Paulo do. **“Metodologia da Pesquisa Científica: teoria e prática – como elaborar TCC”**. Brasília: Thesaurus, 2016.

NASCIMENTO, Solano. **Jornalismo sobre investigações: relações entre Ministério Público e a imprensa**. 2007.

NODARI, Sandra. **Ônibus 174: a relação entre imagem e voz no telejornalismo e no documentário**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagem). Pós-Graduação em Comunicação e Linguagem. Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2006.

OLIVEIRA, Carlos. O inquérito policial do caso Madeleine McCann. **Jusbrasil**, 2021. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-inquerito-policial-do-caso-madeleine-mccann/1257822504>. Acesso em: 25 de set. de 2023.

PINTO, Cíntia Xavier da Silva. **O documentário como produção jornalística: nos limites da pesquisa experimental em trabalhos de conclusão em jornalismo**. São Leopoldo, 2011.

RAMOS, Fernão. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro. **Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia**. Summus Editorial, 2005.

SERPA, Leoní. **O jornalismo investigativo e o desafio de fazer frente às transformações contemporâneas**. 2015. 19 f. Tese (Doutorado) - Curso de Jornalismo, Universidade Anhembi-Morumbi, São Paulo, 2015. Disponível em: https://projetos.abraji.org.br/seminario/PDF/2/leoni_serpa.pdf. Acesso em: 16 abr. 2023.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021.

VARGAS, Heidy. **Documentário: um desafio no aprendizado do jornalismo**. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, p. 107-131, 2010.